

Educação máxima

ARNALDO NISKIER

O Brasil procura um novo modelo econômico e chega-se a anunciar uma outra abertura dos portos às nações amigas. O nosso comércio exterior está sendo dinamizado através de medidas de largo alcance, embora se possa claramente criticar a ausência de soluções para a maior das nossas crises: a questão social. Que progresso é esse que não contempla os desamparados em educação, saúde, alimentação?

Assiste-se à discussão pública em torno da implantação de penitenciárias de segurança máxima, em vários pontos do País. Enquanto se pensa na segurança máxima, a preocupação com a educação é mínima, reduzida a questões burocráticas. Veja-se o que ocorre no Rio de Janeiro, com a sua terrível onda de lamentáveis e covardes sequestros. Por causa disso, mobilizam-se autoridades e decide-se colocar na paradisíaca Ilha Grande uma dessas penitenciárias, onde os marginais viverão anos a fio, alguns deles até a morte, custando aos cofres públicos cerca de 6 salários mínimos mensais.

Enquanto isso, não há uma solução à vista para a crise dos menores carentes, que são 2 mi-

lhões no Rio de Janeiro. Pior ainda é a situação dos menores abandonados, cerca de 180 mil no território que abrigou por muitos anos a nossa capital política. O que se pode esperar desses meninos de rua? O assistencialismo oficial protege meia dúzia deles, mas o número é impressionante e a falta de perspectivas é total. Não há escolas suficientes, não há empregos em nível intermediário, não há valores familiares a cultuar, só resta a marginalidade, com todo o seu séquito de problemas a serem enfrentados pela nossa assustada sociedade.

Um jornal do Rio deu-se ao luxo de fotografar, durante dias seguidos, a operação de alguns desses meninos num movimentado trecho de Copacabana. Eles se constituem em bando, onde sempre aparece um maior para orientar os roubos ou furtos, vitimando distraídos motociclistas em plena Avenida Atlântica. Conversei com uma autoridade policial e a explicação veio com muita objetividade: não adianta prender, pois eles são "de menor", e logo serão soltos para reiniciar a sua faina. Detalhe apavorante: têm a média de 10 anos e, nas conversas, revelam um precoce e triste desprezo pela vida humana. Estão fazendo vestibular para se

tornar os grandes assaltantes de amanhã. Sob as viésas complacentes das autoridades e até mesmo de muita gente fina da nossa melhor sociedade, que acha tudo isso natural numa democracia.

Um aspecto que é preciso enfatizar: a grande maioria dos delinquentes infanto-juvenis provém de lares desfeitos ou que jamais se constituíram como tal. Quando se luta para que a educação seja dada no lar e na escola, como tantas leis determinaram, o que se vê na prática é a ruptura desse princípio — e os resultados são rigorosamente catastróficos.

Gostaria de voltar à prioridade de recursos para a atenuação dos graves problemas sociais que enfrentamos. Ninguém pode condenar a idéia de ser ter penitenciárias com o rigor desejado, nesse eufemismo da "segurança máxima". O que pleiteiam os educadores e os homens de bom-senso é a solução de base, ou seja escola para todos — educação máxima — a fim de que não se tenha de chorar a impiedosa ação dos marginais, hoje os verdadeiros donos das ruas e favelas das nossas grandes metrópoles.

Arnaldo Niskier é jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras